

No Seminário de Almada

realizou-se ante-ontem uma assembleia de militantes

Novidades 6-IV-44

da Liga Operária Católica

em que falou o Dr. Abel Varzim

Realizou-se ante-ontem no Seminário de Almada, uma assembleia de militantes da Liga Operária Católica com delegados de todo o Patriarcado e representantes de Braga e Coimbra.

O Assistente Geral, Rev. Dr. Abel Varzim, para encerrar os trabalhos, pronunciou o seguinte discurso que publicamos na íntegra:

«A vossa presença tão numerosa nesta assembleia constitui, para nós, queridos locistas, uma grande alegria. Por mim, eu vo-la agradeço. Ao ver-vos aqui, assim unidos, compreendi melhor, efectivamente, que não têm sido

perdidos os esforços e as conselheiras que esta obra comum nos tem custado.

Somos ainda poucos — muito poucos mesmo, para a nossa ambição de apóstolos — mas deveis ter reparado já como de todos os lados nos solicitam, e nos querem aliados às suas causas.

Sob pretexto de combate ao comunismo ou de qualquer provável movimento anti-religioso, chamam-nos para seu lado para lutarmos *debatto do sercomando*, as diferentes correntes das chamadas direitas. Em nome do Evangelho que não é comprado, em nome da Liberdade e da Justiça, querem-nos seus aliados os diferentes batalhões da esquerda.

Sempre aprendestes que a uns e outros devemos dizer que não. E hoje peço-vos uma vez mais que digais sempre que não. Bem sei que, ao pedir-vos esta firmeza,

vos chamo para o sofrimento. Mas eu creio ser o sofrimento o melhor quinhão do apóstolo.

Dir-vos-ão, com efeito, que o vosso não é mentiroso, que ele não é mais do que hipócrita camuflagem do *sim* consentido aos

(Continua na 3.ª página)

adversários. Sereis marxistas, partidários das esquerdas aos olhos dos das direitas; sereis reaccionários, fascistas ou burgueses aos olhos dos das esquerdas. Todos vos acusarão de fazerdes *politica*... contrária à deles, e vos caluniarão dizendo que trais a Deus.

Não temais! E' este o melhor sinal de que seguís o exemplo de Cristo, acusado, diante de Pilatos, de subverter as multidões, condenado à morte em nome da obediência devida a César e a pretexto da maior glória de Deus, de quem, «blasfemando», se dizia Filho!!

Vós sereis também, na vossa firmeza, como Cristo, sinal de contradição! «Se a mim me perseguiram, também vos não-de-perseguir a vós», preveniu-nos Ele.

Permanecei sempre firmes. Como cidadãos, podeis seguir o ideal político que entenderdes servir melhor a causa da Pátria. Como apóstolos que sois de Cristo, como continuadores da Sua Obra — por outras palavras, como organização de apostolado — não quereis ter politica, não sois das direitas nem das esquerdas, não sois do centro tão pouco, porque vos recusais a aceitar que a politica possa servir de alguma coisa como meio de apostolado.

Cristo veio trazer à Terra o Reino de Deus. Se quisesse estabelecê-lo por meios humanos, tinha-o feito logo de início: A Pedro, que puxou da espada contra os que o vinham prender, Jesus advertiu: «Pedro, mete a espada na bainha, porque todo aquele que puxa pela espada, pela espada morrerá. Ou tu não sabes que, se Eu quisesse, pedia a meu Pai e me mandaria 12 legiões de anjos?»

Um só anjo matou, numa só noite, 180.000 homens do exército de Senecherib, rei dos Assírios (IV Reis, XIX, 35). Doze legiões seriam 72.000 anjos, os suficientes para matar, na mesma proporção, 13 biliões de homens, se tantos existissem na terra.

Diante de Pilatos, afirmando sempre a sua realeza sobre os homens, Cristo venceu bem que o seu Reino não era deste mundo, porque, se o fosse, os seus soldados combateriam para não ser entregues aos judeus.

Não sendo deste mundo, é evidente não poder realizar-se por meios deste mundo. O Reino de Deus é a habitação de Deus em nós a transformar o homem pelo Espírito divino, a torná-lo semelhante a Ele pela Vida divina que nos é comunicada por Cristo.

Deus é o Amor. O Reino de Deus é o Amor incendiando o coração dos homens. Deus é a Verdade. O Reino de Deus é a Verdade vivida, realizada em cada dia. Deus é a Justiça. O Reino de Deus é a fome e a sede de justiça a devorar as nossas almas. Deus é a Liberdade. O Reino de Deus é a Liberdade fortalecendo as nossas vontades.

Comunicar a Vida substancial de Deus à pobre vida humana, fazer que vivamos à maneira divina, é tarefa que não podem realizá-la a politica, nem a economia, nem as organizações sociais. Não pode chegar-se à lua com um arranha-céus. Ninguém vai até Deus, se Deus o não chamar, e não for levado até Ele pela própria mão divina ou pela mão daqueles a quem Jesus Cristo confiou a Missão do Apostolado.

Nós, a quem essa missão gloriosa foi entregue, trairíamos a

confiança que Deus em nós depositou, se repousássemos nos meios humanos, para realizar o Reino de Deus.

Pensam muitos, com efeito, que, pela politica, mais facilmente se poderá levar os homens ao caminho de Deus. Em nome de Deus, traçam a sua politica, chegando a dizer que não é cristão quem a não seguir: — «Realizemos, primeiro, uma boa ordem politica, e o resto será mais fácil». Mas a este *politique d'abord* contrapôs Jesus Cristo o *querite primum regnum Dei*, procurai primeiro o Reino de Deus e tudo o mais vos será dado por acrés-

cimo. O Reino de Deus não nasce de uma boa política. A boa política é que nasce do Reino de Deus, e só dele pode nascer.

Porque nos ocupamos então dos problemas económicos? Porque nos pronunciamos então sobre o social? Porque nos imiscuimos então na vida da Cidade?

Vós sabeis, por experiência própria, que o fazemos, por não poder agir doutra maneira.

Deus é o Amor. Aquele que vive no Amor vive em Deus e Deus nele (S. João, IV, 16). Onde vemos o ódio, a ira, o desejo de vingança, ou até a simples indiferença de uns pelos sofrimentos dos outros, aí sabemos que a Vida de Deus não está presente. Temos de comparecer, ensinar, tornar possível a vinda do Senhor, porque a todos os homens Ele quer salvar.

Deus é a Verdade. Onde vemos a mentira, a dissimulação, o dolo, nós sabemos que aí não está Deus. O próprio Deus nos impele a comparecer, para que o Seu Santo nome seja respeitado.

Deus é a Justiça. Onde vemos a injustiça, particular ou colectiva, não podemos deixar de acorrer tentando impor os direitos de Deus.

Deus é a Liberdade. «*Ubi Spiritus Domini, ibi libertas*» (2 Coríntios, 3-17): onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade. Portanto, onde existe a

opressão, a tirania, a violência, temos de comparecer e lutar.

Porque, locistas, onde Deus não está aí domina o diabo, Príncipe deste mundo. E nós temos de combater para o expulsar do meio de nós, resistindo-lhe fortes na Fé, como nós ordena o Príncipe dos Apóstolos.

Não é, portanto, com miras políticas, nem por qualquer ideal humano que nos vêm combater em todos os campos da actividade onde porventura impere o espírito de Satanaz.

Não nos interessa tão pouco ser agradáveis aos homens — a estes ou aqueles — porque, como ensina S. Paulo (Gal. I, 10), se quisermos agradar aos homens, não seremos servos de Cristo.

Neste espírito queremos continuar, como até aqui, sem desfalecimentos e sem temor. Esta assembleia, tão brilhante que acabais de realizar que outra coisa significa senão esta fé inabalável de que não temeis aqueles que nos podem tirar a vida do corpo, mas não podem atingir a alma?

Esta certeza é a minha melhor recompensa. Sabeis que não vos minto quando afirmo não querer, nem de vós nem de ninguém, absolutamente nada para mim. Nem dinheiro, nem honras, nem poderes, nem qualquer vaidade deste mundo me seduz. A única coisa que ambiciono é não ser inútil neste mundo.

Vós já sois capazes de manter firme a bandeira que me deram para a colocar nas vossas mãos. Vós já sabeis o que é o Evangelho, e que ele não precisa senão da vossa Fé, da vossa Esperança, da vossa Caridade e da vossa união à Hierarquia, para se espalhar na massa operária.

Não vos importeis, portanto, com o que vos possam fazer ou de vós dizer os que querem pôr a Igreja ao seu serviço ou ao serviço dos seus ideais políticos. Vieram tarde de mais, sejam eles quem for — para o conseguir, pelo menos, por intermédio de vós, queridos locistas».